

FINALMENTE CIENTISTA NEGRA: UM BREVE RELATO DA MINHA RELAÇÃO COM A CIÊNCIA, GÊNERO E RACISMO

Débora Cynthia Alves de Souza¹

Thatianny Alves de Lima Silva²

QUEM SOU EU?

Nesse ensaio autobiográfico trago a narrativa da minha história com o meu nicho de pesquisa: gênero e sexualidade. São muitos caminhos percorridos e muitas vivências que fizeram impacto para que eu chegasse até aqui e me interessasse pelo meu campo de pesquisa. Sou a Débora, uma mulher lésbica e negra que nasceu no quadradinho, conhecido como Brasília, conhecido como a capital do país, moro numa periferia na qual fui criada e crescida.

Ao longo da minha vida dei pouco trabalho para a minha família, especificamente no quesito acadêmico, sempre fui bastante independente para as minhas tarefas da escola, gostava muitíssimo de estudar, era aluna destaque várias vezes, chegava a passar no terceiro bimestre, até meu ensino médio, pelo menos. Depois de um tempo entrei na universidade e aprendi o que era pesquisa, o que é dar aula e o que é ciência e descobri que gosto dos três.

PRIMEIRO CONTATO: POR QUE GÊNERO E POR QUE SEXUALIDADE?

Desde que tenho estudado gênero, sexualidade e corpo, tudo tem mudado em mim, principalmente minha forma de ver o mundo. Durante boa parte da minha vida, fui questionada sobre meu gênero a partir da sexualidade e por um tempo deixei de performar

¹Licencianda em Ciências Naturais pela Universidade de Brasília, campus Planaltina (FUP). Contato: deboralvssouza@gmail.com

²Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática- UFG.. Membro do Coletivo Ciata do Laboratório de Pesquisa em Educação Química e Inclusão do Instituto de Química (LPEQI-NUPEC/IQ/UFG). Contato: thatiannysilvaa@gmail.com

minha feminilidade para me encaixar dentro de uma bolha e parecer mais ainda que eu gosto de mulher. Ser lésbica sempre foi uma coisa inesperada pra mim porque fui criada nos moldes cristãos da igreja católica, cheguei a fazer catequese e tenho o certificado de crisma, mesmo nunca tendo gostado ou acreditado nessa religião e no que ela prega, eu fui obrigada a fazer. Ouvi a minha vida inteira o que é certo e o que era errado, e com certeza a forma de eu me relacionar não era considerada certa. Durante muito tempo eu neguei isso pra mim, apesar de sempre me impor muito a respeito, muitas vezes eu só queria que isso mudasse pra eu me sentir mais amada pela minha família. Por causa da minha sexualidade eu enfrentei um período de depressão e até hoje eu tenho transtorno de ansiedade, quis algumas vezes tirar minha vida.

Quando cheguei na universidade e percebi que era uma possibilidade mudar isso não só para mim, mas para o meio social, foi ótimo porque eu sempre quis que outras adolescentes nunca passassem pelo que eu passei, então eu agarrei as oportunidades com unhas e dentes. A primeira delas foi um coletivo feminista presente na universidade discutindo gênero de forma interseccional com sexualidade, apesar de serem coisas do corpo, normalmente são coisas estudadas de forma desassociada.

Ao pesquisar, o meu tema de interesse principal se tornou gênero e sexualidade. Já abordei questões de gênero em escolas periféricas do Distrito Federal em parceria com professoras/es da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), já escrevi sobre essas experiências e apresentei em diversos congressos. As questões de gênero são muito importantes para mim, afinal, sou mulher, me reconheço mulher e como diz Joan Scott (1995) em seu texto “Gênero, uma categoria útil de análise histórica” *gênero* é uma palavra que serve para representar o estudo sobre a opressão com/para mulheres, apesar de entender que todas as pessoas sofrem com o machismo, nós mulheres sentimos outro impacto sobre isso.

EXISTEM MULHERES CIENTISTAS!

Aprendi a olhar para mulheres cientistas em um projeto de extensão do qual faço parte, “Mulheres cientistas: desafios, mitos e resistência cotidiana”³ apesar de ter estudado um bom tempo sobre gênero e como essa construção social nos afeta, eu nunca tinha ligado isso à minha área de formação, que é a ciência. Perceber como a área das ciências da natureza afeta a saúde mental das mulheres foi um “boooooom” na cabeça, porque a partir desse ponto passei a entender o porquê me sinto tão insegura para participar das aulas de física, cálculo, até mesmo química. Aliás, foi quando eu percebi que eu gostava de física e não precisava ser um Newton ou um Albert Einstein para assumir que eu posso gostar. Minhas notas em física nunca foram as melhores e mesmo assim eu gosto, eu entendo as partes mais teóricas. Hoje eu compreendo homens se sentirem tão apropriados da ciência, pois ela é criada e representada exclusivamente por eles. Até entrar no projeto de mulheres cientistas eu não sabia dizer o nome de uma mulher cientista, mesmo Marie Curie, que é aparentemente a única citada nesse meio para boa parte da sociedade. Não é comum que se questionem sobre isso, no curso onde me encontro inserida, nem Marie Curie parece ser conhecida já que ciência é “coisa de homem”.

Ao longo de toda minha jornada universitária eu fiz todas as matérias sobre gênero e cursos no campus que estudo, infelizmente menos matérias do que eu gostaria, mas o campus que oferta mais matérias (Darcy Ribeiro) é bem concorrido, por isso, não tive êxito nas matrículas. Dessa forma, percebo que matérias de gênero são escassas e que as pessoas têm sentido cada vez mais uma necessidade em se apropriar. Entender as relações de gênero e como elas se constroem demanda muito incluindo aí tempo, estudo. Penso que fazer uma ou duas matérias de 2 ou 4 créditos é pouco para a complexidade do tema.

Foi então quando eu fiz a minha terceira matéria sobre gênero, mas primeira sobre outra perspectiva – na verdade foi sobre gênero e corpo. Precisei então me abrir para outras possibilidades de aprendizagem, especificamente com textos tão diferentes do senso comum dentro do meio universitário, do que eu estava habituada e ter contato. Aprendi a pensar um pouco mais fora da caixinha engessada, talvez eu seja muito metódica e tradicionalista, gosto

³ Projeto que ocorre na Faculdade UnB de Planaltina, o projeto se propõe a debater e combater a desigualdade de gênero no meio acadêmico, com ênfase nas particularidades do campo das ciências da natureza. Coordenado por Susanne Tainá Maciel e Caroline Siqueira Gomide.

de padrões, preciso disso para pensar que estou fazendo certo. Então o que ficou mais forte para mim é que eu não preciso disso sempre, por questões de formalidade sim, mas que existem espaços afetivos e eles não são menos importantes por isso, me aprendi a ser um pouco mais livre.

A EDUCAÇÃO É O CAMINHO

Eu sabia que junto às minhas atuações em escolas periféricas eu precisava estudar mais sobre o racismo, desde a minha primeira atuação. Logo entendi a necessidade do público com quem eu trabalhava, jovens de escola pública que sofrem opressão e muitas vezes nem entendem o porquê sofrem, porque muitas vezes nunca fizeram nada para serem revistados na rua de graça, de forma violenta. Eu entendi também o quanto isso é impactante não só para mim, mas para eles/as que ganhavam apelidos pejorativos por causa do seu cabelo crespo, dos seus narizes largos, cor de pele, da sua condição social que não tem nada a ver com o desejo deles, ou mesmo, não têm controle sobre quaisquer dessas opções.

Falar sobre raça e racismo ainda é uma coisa difícil no meio acadêmico, há pouca abertura, ainda mais no curso que estou matriculada, mal temos professoras/es negras/os. Há muita gente só quer formar, só quer ter um diploma e trabalhar. É muito difícil porque muitas dessas pessoas serão docentes em escolas públicas, enfrentarão problemas sociais que poderão não ter muita habilidade para lidar. A escola é um ambiente de transformação alcançada não só por conteúdos, mas pelo contato social, pelo afeto, ela é favorável para esse tipo de debate bem como a universidade. Nela temos as maiores possibilidades de transformação onde as pessoas ainda estão construindo o pensamento crítico e estão mais abertos/as para dialogar, isso se torna difícil na vida adulta repleta de muitas certezas acerca das intolerâncias que carregam. Além disso, a palavra do/a docente tem muito peso para essas pessoas que mal conseguem se posicionar de forma firme.

Quando vi a matéria de Tópicos Especiais em Ciências Naturais com o tema de mulheres cientistas negras ser ofertada fiquei muito feliz porque nunca imaginei que uma matéria que envolvesse mulheres cientistas e a questão de raça seria ofertada na FUP. Logo

me matriculei e esperei muito da matéria, já que eu conhecia o método da professora. No começo, passamos a estudar gênero, houveram discussões ricas, lembro até hoje da dificuldade que eu tive para entender o texto da Joan Scott que é um texto incrível e essencial, mas muito complexo, e uma linguagem que eu ainda estava sendo introduzida, me vi muito familiarizada.

As discussões agregaram cada vez mais, até eu entrar em contato com o texto da Oyèrónkẹ (1997), numa perspectiva de gênero totalmente diferente da perspectiva ocidental que estou imersa. Entrar em contato com uma narrativa de outra realidade sobre gênero me tirou completamente da zona de conforto, não sabia que atualmente existiam outros tipos de relações de gênero referente a outras culturas - culturas matriarcais, esse foi meu primeiro tapa na cara com luva de pelica. Apesar de ter estudado razoavelmente sobre raça/racismo eu nunca tinha visto essa perspectiva do pensamento, sempre generalizei bastante o que é gênero na minha perspectiva, na onda dos estudos que eu tive contato, foi um “nem tudo é sobre vocês”. Mesmo entendendo e sabendo na pele que o machismo impacta de forma distinta mulheres negras e brancas, ler que nem toda sociedade é patriarcal foi muito estranho.

Depois disso, começamos a ler sobre mulheres cientistas negras e a dificuldade no acesso a ciência. Um desses textos foi o da Patrícia Hill Collins (2018), no qual ela traz o feminismo negro e a aceitação da comunidade científica, o silenciamento, elementos de suma relevância para a disciplina.

Dentre tantos textos, debates e atuações, o que mais me tocou em toda a matéria foi a pesquisa que fizemos para apresentar as mulheres cientistas negras. Vi histórias impactantes sendo contadas por pessoas que se sentiam tocadas, que se emocionavam e me emocionavam junto. Saber que existem mulheres cientistas negras é diferente de saber e ver seus rostos e conquistas que foram alcançadas com muito mais esforço, e ainda pensar: ela chegou em algum lugar, eu também posso chegar. Ali foi quando eu vi que para além de histórias sofridas existiam mulheres extremamente inspiradoras, foi quando eu também vi a possibilidade de me ver como cientista negra.

Esse momento, na faculdade, em uma disciplina de sexta à tarde me proporcionou reflexões, me lembrou de atuações e coisas nas quais acredito, na minha maior meta que é

mostrar pra meninas e mulheres que elas também podem fazer parte da ciência, apresentar histórias de mulheres inspiradoras, que brancas se sintam capazes, que negras se sintam mais capazes ainda porque eu quero que as minhas semelhantes alcancem o que elas são capazes de alcançar, não só o lugar que nos determinam.

A sociedade pouco favorece mulheres e ao citar mulheres negras essa problemática se torna mais profunda. Socialmente, mulheres já tem um lugar definido ainda na gestação, quando o sexo é um fator determinante para a cor das roupas, nomes, o que devem gostar, o que o corpo delas devem ser e fazer - serem reprodutoras, magras, bonitas, a profissão que devem seguir. Quando pensamos em mulheres negras, além da violência patriarcal devemos mencionar também a violência pela cor, o racismo, este determina onde essas mulheres vão chegar e se vão chegar em algum lugar, podam suas competências e potenciais, impacta nas relações afetivas. Destaco ainda que, nós mulheres negras temos o corpo violentado, para além da violência física mas também nos silenciamentos e desumanização no que tange a existência do “ser mulher negra”.

A partir dessas experiências e reflexões decidi mudar meu tema de TCC, escolhi falar sobre mulheres cientistas. A ideia é oportunizar meninas de ensino médio entrar em contato com laboratório, conhecer uma realidade que nem sempre é a delas. Como atuo em uma escola pública, vejo a dificuldade de oportunizar uma educação de qualidade para os/as estudantes por falta de verba pública. Quero entender se as meninas têm alguma relação mais amorosa com a ciência a partir desse contato. Lembro-me de quando eu estava na escola e era bem estudiosa, adorava ciências e experimentos, mas me afastei muito da área das exatas porque além de ter uma dificuldade comum, me via pouco incentivada. Dentre os incentivos que obtive ao longo da educação básica, consigo lembrar da minha professora de português que era negra e me adorava, por causa dela e suas aulas eu decidi que queria cursar letras. Eu adorava português igual tal qual ciências e inglês.

Esses dias eu estava falando com uma amiga sobre meu TCC, ela elogiou o tema, o método de pesquisa, e disse: “Nossa Débora, que legal! E o mais legal é que as meninas vão ter você como referência de cientista, uma cientista negra na frente delas!” Fiquei pensando sobre isso um tempão, porque eu já me reconhecia como mulher negra, mas como não estou

formada eu não me reconhecia como cientista. Pensei o que tornaria uma mulher cientista e isso me por realmente acreditar que sou. Refleti também sobre amigas que dizem que se inspiram em mim e como eu nunca levo a sério, penso que talvez possa ser verdade.

A QUARENTENA, O CORONA VIRUS E SAÚDE MENTAL

Durante a quarentena passei por várias montanhas russas de sentimentos, a primeira emoção é como me senti ao ser tão impotente em relação a um vírus que me prendeu em casa: não pude estar com amigos, família, ou estudar na universidade que tenho apreço. Isso gerou algumas crises de ansiedade, sair quando preciso resultou em ataques de pânico por medo. Alguns pensamentos positivos do tipo “irei me dedicar aos estudos” eram oprimidos por uma inércia causada pela ansiedade gerada por gatilhos, em muitos momentos senti-me inútil para mim mesma, improdutivo. Senti-me irresponsável com os compromissos que havia feito, eu simplesmente não conseguia fazer nada, minha relação comigo mesma se tornou péssima, negligenciei o que tenho de mais importante comigo: o meu futuro.

De modo geral, me cobro muito, não adianta que as pessoas falem o quanto sou inteligente, bonita ou qualquer elogio que venha a ser reconhecimento, acaba se transformando em: “essa pessoa está falando isso para me agradar e não porque é verdade”. Consegui aos poucos me reerguer, junto a terapia, muitos choros e depois de ouvir muito *Petals for Armor* (Hayley Williams, 2020) e Paramore – que é a minha banda favorita. Com isso consegui refletir o que era importante para mim e trazer minhas prioridades de volta: projetos da universidade, uma alimentação adequada e balanceada e escritas acadêmicas que eu havia abandonado. Foi quando voltei aos poucos para as reuniões dos projetos que faço parte, um deles é “mulheres cientistas negras”, muito importante para os meus estudos. Quando voltei as atividades já estavam avançadas, mas fui acolhida e pude contribuir para a construção de um artigo com uma pesquisa que realizamos em 2019. Algumas leituras e discussões haviam sido feitas, consegui me participar das reuniões.

Conforme passaram algumas reuniões iniciamos a escrita do artigo, tivemos pouco tempo para a finalização dele. Já sabíamos o que deveria ter no artigo só não havíamos

pegado nele ainda. Entramos numa imersão de escrita, o que foi muito especial pois nos rendeu muita risada, noites mal dormidas, mas sobretudo uma conexão muito gostosa. Passamos horas na frente do computador, com a câmera ligada, conversando sobre o artigo, sobre coisas aleatórias, sobre o semestre estar horrível com esse ensino remoto. Refletíamos sobre o tema central da pesquisa que tocou a todas de forma muito intensa. Escrever o artigo foi sem dúvidas muito rico para meu lado profissional e para o lado pessoal, pensar sobre mulheres negras cientistas depois da escrita tem outra dimensão atualmente.

Depois de relatar toda a minha experiência de forma breve, hoje me sinto uma cientista negra, que está quase se formando e que quer muito levar coisas maravilhosas para a sala de aula, que se sente mais humana a cada dia que passa para ouvir estudantes, para ajudar. Sinto-me mais preparada para tentar meu sonhado mestrado e para me tornar professora de universidade de modo a promover impactos, da mesma forma que fui impactada várias vezes por professoras e colegas de curso. Hoje sinto-me mais confiante por ter conseguido escrever tantas coisas legais no mês de agosto, por ter ficado satisfeita com minha colaboração para o artigo, por perceber que tenho me tornado independente.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia feminista negra. Em: Em: COSTA, Joaze Bernardino. TORRES, Nelson Maldonato (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects**. In: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. The invention of women: making na African sense of western gender discourses. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 1-30. Tradução Wanderson Flor do Nascimento.

WILLIAMS, Hayley. **Petals for Armor**. Compositor: H. Williams e T. York. Intérprete: Hayley Williams. [S. l.]: Atlantic Records, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/hayleywilliams/videos>. Acesso em: 1 dez. 2020.